

# PAULO QUINTAS

## ATLAS

### Press release

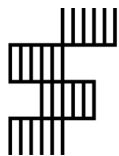
PAULO QUINTAS  
ATLAS  
20.10.2022 – 26.11.2022

Galeria Francisco Fino presents *Atlas*, Paulo Quintas' first solo exhibition at the gallery.

“Ars Longa, Vita Brevis”: Three paragraphs on time in Paulo Quintas' painting

In his mid-first century CE treatise *On the Brevity of Life*, Seneca popularized Hippocrates' old dictum 'ars longa, vita brevis'. In both the Greek (techne) and the Latin (ars), the word refers to the task of mastering a knowledge for which life is too short, but the phrase became prevalent as an opposition between the brevity of human life and art's ability to extend beyond it, to endure in time and, in the last analysis, to aspire to immortality. Throughout history painting introduced the question of time from various perspectives – from Caravaggio's slightly rotting fruits to the 'vanitas' and 'cogito mori' that pointed to the transitoriness of human life. On the other hand, the romantic poetics of ruin, or the modern, ephemeral quality of installation and performance directly question art's ambition to the perennial. The question of time occurred to me as I saw Paulo Quintas' large yellow paintings at his studio in Santa Rita beach. They bring to this exhibition an immediate memory of the aged walls of Alentejo's houses, with their surfaces of accumulated layers of lime tormented by time, which exposes various older levels of decaying paintings that form a memory map of both their creation and the ravages of the seasons and abandonment. In these enormous paintings it is possible to glimpse the traces of ancient forms of geometric solids often used by Paulo Quintas, along with new vertical strokes that organize their structure, as well as successive actions that conceal those basic forms through the addition of consecutive layers or un-conceal them through various methods of abrasion, both controlled and random, that turn the final image into a sort of portrait of the various times involved in the production of the piece.

'The revelation of its process' is an essential aspect of Paulo Quintas' painting (as mentioned by C. Vidal in *Mare Aethiopicum*, 2020, p.7), and the artist himself has referred to his works as 'constructed rather than painted' (in I. Carlos, *Todos os Títulos estão Errados* [All titles are wrong], 2018, p. 36). Solid, basic forms – crosses, circles, parallel lines – create a structure joined by standardized formats and a short, systematic palette to form a firm basis that allows for the anchoring of the construction processes, in which different media and procedures are applied to trace a scarring of the canvases' creation stages. However, in the case of the large yellow canvases featured in this exhibition, the memories of the creative process are accompanied by the successive concealment of the painting's prior phases, which manifest as brief fragmented memories as the painting's various times become a structural element of the work, a part of its body and therefore an exact image of its ephemeral quality and, disturbingly, of the transitoriness of art and of ourselves.



The arrangement of the works in this exhibition also appeals to the individual memory of former experiences of Paulo Quintas' oeuvre: two square canvases return to the 'crosses' that align with his reference colours – yellow, red, Prussian blue and white – and to models of expressive standardization and execution; a photograph of the cliffs over the Ericeira sea is covered in white and black paint, in sprinkles and drips, according to a process of concealment that transforms the original image into a memory of fog that is simultaneously lyrical and oneiric. Perhaps we should recall Quintas' early experiments with the partial concealment of reproductions of Leonardo da Vinci's figures (in his 1984-5 drawings) using white paint, or the constellations of *Supernovae Boulevard* (2000-2001), which explore the repetition of certain effects on the canvas surface. Finally, the vast black triptych *A Grande Noite* [The great night], which is actually made with greys, blacks and variations of gold and displays unequal gleaming varnishes, was painstakingly worked to obtain a material density that renders it almost sculptural as the complementariness in the pattern of the three paintings fills the viewer's visual field to produce a magically hypnotic effect that imprisons the gaze. Indeed, the lengthy gaze that Paulo Quintas' painting calls for is not only the outcome of the finished work but also of the complicity with the process of its creation, as if the times of its creation flowed before our eyes like a film of his addition and erosion gestures, of the balancing work between structure and a feverish construction of surfaces in the dense matter of images.

Joaquim Oliveira Caetano

### **Calendar**

20.10.2022 – 26.11.2022

Tue. – Fri. 12 PM – 7 PM

Sat. 2 PM – 7 PM

### **Images**

Photo credits: Vasco Vilhena.

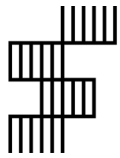
### **Further information**

Galeria Francisco Fino

E.: [galeria@franciscofino.com](mailto:galeria@franciscofino.com)

T.: +351 215 842 211

### **Online private view**



# PAULO QUINTAS

## ATLAS

### Press release

PAULO QUINTAS  
ATLAS  
20.10.2022 – 26.11.2022

A Galeria Francisco Fino apresenta *Atlas*, a primeira exposição individual do artista Paulo Quintas na Galeria Francisco Fino.

“Ars Longa, Vita Brevis”: três parágrafos sobre o tempo na pintura de Paulo Quintas.

A meio do primeiro século da era cristã, no seu tratado sobre a Brevidade da Vida, Séneca popularizou o antigo aforismo de Hipócrates “ars longa, vita brevis”. Embora no sentido da frase, tanto na versão grega como na latina, a palavra “ars” se aplicasse mais ao conhecimento, ao dominar de um saber para o qual a vida era demasiado curta, o dístico foi-se instalando como uma oposição entre a brevidade da vida humana e a capacidade da arte se prolongar para além dela, de perdurar no tempo e, em última análise, aspirar à imortalidade. Ao longo da história a pintura introduziu a questão do tempo de variadas formas – o ligeiro apodrecimento das frutas de Caravaggio, que alertava para a efemeridade da beleza, as “vanitas”, ou “cogito mori”, que assinalavam a transitoriedade da vida humana. Por outro lado, a poética da ruína própria do romantismo, ou no contexto moderno, as produções efémeras, da instalação à performance, questionaram diretamente a noção de perenidade da própria arte. A questão do tempo surgiu-me, quando vi no atelier da praia de Santa Rita as grandes pinturas amarelas que Paulo Quintas traz para esta exposição por uma memória imediata dos muros envelhecidos das casas do Alentejo, onde camadas de cal se sobrepõem e a passagem dos anos vai martirizando superfícies, deixando ver a vários níveis anteriores pinturas nas paredes, desconformemente degradadas, resultando num mapa da memória tanto da sua criação como do desgaste do tempo e do abandono. Nestas enormes pinturas podemos descortinar restos de antigas formas de sólida geometria usadas frequentemente por Paulo Quintas, traços novos verticais que organizam a sua estrutura, mas também as sucessivas acções de encobrimento dessas formas base e de desocultação, por consecutivas camadas apostas e retiradas por diferentes métodos de erosão, controlados e aleatórios, que transformam a imagem final numa espécie de retrato dos vários tempos de execução da obra.

Já foi referido que “a revelação do seu processo” é um aspeto essencial da pintura de Paulo Quintas (C. Vidal in *Mare Aethiopicum*, 2020, p.7), e o próprio artista se referiu às suas obras como “mais construídas que pintadas” (cit. Por I. Carlos, em *Todos os Títulos estão Errados*, 2018, p. 36). Formas sólidas de base – cruces, círculos, linhas paralelas – criam uma estrutura, a que a padronização de formatos e uma paleta curta e sistemática se juntam para formar uma base firme que permite ancorar os processos de construção, onde diferentes meios e procedimentos desenham nas telas uma cicatrização das etapas da sua própria criação. Mas no caso das grandes telas amarelas desta exposição, para além dessas memórias do processo criativo há também como matéria a sucessiva ocultação

das anteriores fases da pintura, das quais são deixadas breves memórias fragmentárias, tornando-se assim os vários tempos da pintura um elemento estruturante da obra, parte do seu corpo, e por isso uma imagem exata da sua efemeridade e, de uma perturbante forma, da transitoriedade da própria arte e de nós mesmos.

A distribuição das obras nesta exposição apela da mesma forma para a memória individual de anteriores experiências da obra de Paulo Quintas – duas telas quadradas regressam às “cruzes” executadas a compasso com as cores de referência – amarelo, vermelho, azul da prússia e branco - retomam modelos de padronização e de execução expressiva; uma fotografia das falésias do mar da Ericeira é recoberta de tinta branca e negra, aspergida ou aproveitando escorrências, num processo de ocultação que transforma a imagem original numa memória de névoa, lírica e onírica ao mesmo tempo. Vale a pena talvez recordarmos tanto remotas experiências de ocultação parcial com tinta branca de reproduções de figuras de Leonardo da Vinci, dos seus desenhos de 1984-5, ou as constelações dos “Supernovae Boulevard” de 2000-2001 na sua exploração das repetições de efeitos na superfície da tela. Finalmente, “A Grande Noite”, um vasto tríptico negro, ou para ser mais preciso, construído de cinzas, negros e dourados, com brilhos desiguais de vernizes, exaustivamente trabalhado, de uma densidade matérica que torna as obras quase escultóricas e onde a complementaridade do padrão das três pinturas, enchendo o campo visual do espectador, produz um efeito magicamente hipnótico de prisão do olhar. É o olhar demorado que a pintura de Paulo Quintas nos obriga, por certo pelo resultado da obra acabada, mas também pelo que dela se desprende de cumplicidade com o seu processo de criação, como se os tempos da sua criação passassem em movimento como um filme diante dos olhos, mostrando os gestos de aposição, de desgaste, de equilíbrios entre a estrutura e uma febril construção das superfícies no trabalho da matéria densa das imagens.

Joaquim Oliveira Caetano

### **Calendário e horário**

20.10.2022 – 26.11.2022

Ter. – Sex. 12h00 – 19h00

Sáb. 14h00 – 19h00

### **Imagens**

Créditos fotográficos: Vasco Vilhena.

### **Informações adicionais**

Galeria Francisco Fino

E.: [galeria@franciscofino.com](mailto:galeria@franciscofino.com)

T.: +351 215 842 211

### **Online private view**